

O DEUS INOCENTE E A MORTALIDADE HUMANA. CRUZ E SALVAÇÃO EM SIMONE WEIL¹

Maria Clara Lucchetti Bingemer
Centro João XXIII – RJ
PUC – Rio

1. O texto deste artigo foi originalmente apresentado sob forma de comunicação no Colóquio Internacional Simone Weil e Paul Ricoeur, organizado pela Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), de 13 a 15 de setembro de 1993.

2. Simone Weil nasceu na França em 1909, de origem judaica. Aluna brilhante de filosofia, foi discípula predileta do filósofo Alain. Profundamente consciente das injustiças sociais de seu tempo, levou sua solidariedade até abandonar a cátedra e trabalhar como operária pelo período de um ano. Convertida ao cristianismo, resistiu, no entanto, a pedir o Batismo e entrar na Igreja. Morreu em 1943, aos 36 anos, em Londres, impedida de entrar na França ocupada da 2ª Guerra Mundial. Pouco conhecida no Brasil, somente agora alguns de seus muitos es-

Simone Weil², em sua *Autobiografia Espiritual* endereçada ao Pe. Perrin, ao tentar lhe explicar suas dissonâncias com a instituição eclesial, diz algumas palavras — entre muitas outras — com as quais gostaríamos de dar início a esta comunicação.

“Quando autênticos amigos de Deus — tal como o foi, de acordo com meu sentimento, Mestre Eckart — repetem palavras que ouviram no segredo, em meio ao silêncio, durante a união de amor, e elas estão em desacordo com o ensinamento da Igreja, é simplesmente porque a linguagem da praça pública não é a da câmara nupcial”³.

Dentro dos limites desta comunicação, pretendemos refletir brevemente sobre o lugar da cruz no pensamento de Simone Weil. Realizar de maneira satisfatória e exaustiva esta gigantesca tarefa exigiria de nós não apenas várias comunicações como esta, mas muitos e inumeráveis livros que somos não só incapazes como incompetentes para escrever. Tampouco nos é possível refletir sobre o tema a que nos propomos tomando a totalidade dos escritos de Simone, que não são poucos.

Optamos, portanto, por abordar três dos seus escritos, aqueles nos quais sua experiência religiosa e sua reflexão teológica aparecem de maneira mais profunda e explícita⁴. São eles: *A espera*

de Deus, *A gravidade e a graça* e *Pensamentos desordenados acerca do amor de Deus*⁵. Ocasionalmente faremos alguma incursão por algum outro escrito de e/ou sobre Simone. Mas nossa reflexão deseja deter-se e debruçar-se fundamentalmente sobre estes três.

Procuraremos ler os textos weilianos buscando neles o fio condutor da concepção da autora do mistério cristão da Cruz e, mais ainda, do Crucificado, tomando uma dupla vertente: a compaixão e a participação no sofrimento humano e a experiência da união mística com o Crucificado.

Assim fazendo, procuraremos — ainda que muito imperfeitamente — deixar ressoar as palavras de Simone Weil e não as nossas, sobre este mistério da cruz que foi o centro de sua vida. E ela o poderá fazer falando as duas linguagens que tão bem maneja ao longo de sua vida: a da praça pública (das tomadas de posição, da política) e a da câmara nupcial (do amor vivido e sussurrado apaixonadamente no segredo e no íntimo do coração, na experiência da união com o Mistério de Deus).

A solidariedade e a compaixão como iniciação ao mistério da cruz

A compaixão e solidariedade com o sofrimento humano em todas as suas mais sofridas e dolorosas manifestações foram para Simone Weil uma escola na qual recebeu séria iniciação desde seus mais tenros anos. Jamais a percepção da existência do mal no mundo e de suas terríveis consequências sobre os seres humanos lhe passou despercebida nem tampouco lhe pareceu menos importante e central. A dor alheia sempre foi para ela o objeto maior de sua atenção que lhe facultará inclusive, mais tarde, boa parte da imensa profundidade da qual se revestiu sua descoberta e experiência de Deus.

Alguém que a conheceu muito intimamente, o Pe. Perrin, nos narra essa compaixão e solidariedade presentes na vida de Simone desde cedo, chamando-as de “amor compassivo” e narrando o episódio em que, aos cinco anos de idade, ela se fez madrinha de um soldado, privando-se desde então completamente de açúcar, a fim de enviar tudo que possuía deste gênero alimentício à frente de batalha⁶.

Criada e cercada por uma família na qual não faltou jamais o necessário do ponto de vista material e afetivo, este traço dominante da personalidade e da vida de Simone parece ainda mais extraordinário e fora do comum. Mais tarde, escrevendo ao

critos começam a ser traduzidos e divulgados entre nós. A celebração do quinquagésimo aniversário de sua morte constitui uma ocasião propícia para levar adiante a propagação de sua obra no meio acadêmico e eclesial brasileiro.

3. Cf. *Attente de Dieu* (AD), Paris, Fayard, 1966, p. 59 (trad. port. *A espera de Deus*, SP, ECE, 1990).

4. Cremos poder legitimamente dar a Simone Weil o qualificativo de teóloga, da maneira como este qualificativo é entendido no cristianismo. Uma vez que teólogo é aquele ou aquela que reflete ordenadamente sobre a própria fé, acreditamos que poucas pessoas merecem de maneira tão plena esta denominação quanto ela.

5. Citamos as duas primeiras obras de Simone Weil a partir do original francês. Quanto à terceira, citaremos a partir da tradução brasileira.

6. Cf. o que o Pe. Perrin, no Prefácio ao livro de Simone, *Attente de Dieu* (AD), na edição por nós citada.

7. AD 39-40.

mesmo Pe. Perrin, Simone reconhecerá que o despojamento e o desapego ao material, tão característicos do espírito de pobreza cristão, sempre a habitaram, desde muito cedo. Chega mesmo a dizer que *"não se recorda de nenhum momento em que ele não haja estado"* nela⁷. A atração por figuras como São Francisco de Assis e o desejo de um dia ser levada a viver o estado de vagabundagem e mendicidade que ele escolhera livremente para si continuam intactos e vivos nela no momento em que, com mais de trinta anos, escreve esta carta ao Pe. Perrin. A tal ponto que chega a lamentar-se: *"Não pensava chegar à idade que tenho sem ter ao menos passado por aí. E o mesmo acontece, aliás, com a prisão"*⁸.

8. AD 40.

Porém, sua longa jornada pelo mundo da desgraça, da pobreza e da infelicidade, que adquiriram contornos sempre mais radicais no decorrer de sua juventude e maturidade, ficaram fortemente marcados pelo primeiro encontro, na pessoa desse soldado, com a miséria e o sofrimento humanos. Ora, cremos ser possível afirmar que este encontro, para a judia e mesmo agnóstica Simone, revestiu-se também, desde muito cedo, dos contornos críticos da compaixão divina que se explicita no mistério da Encarnação, Paixão e morte de Jesus de Nazaré. É a mesma Simone quem nos diz, ainda numa carta ao Pe. Perrin que teve *"desde a primeira infância a noção cristã da caridade para com o próximo, à qual dava este nome de justiça que ela possui em muitas passagens do Evangelho e que é tão belo"*⁹.

9. Cf AD p. 40.

Na evolução de seu processo intelectual e interior, a posteriormente cristã e convertida Simone vai conceber sempre o amor coerentemente com essa sua experiência da primeira infância. Para ela nunca existirá amor que não implique um compartilhar até as últimas conseqüências todas as dificuldades e dores do ser amado. É ela mesma quem nos diz: *"O amor, para aquele que é feliz, é querer partilhar o sofrimento do amado infeliz"*¹⁰. E o que era o açúcar de que se privava para os soldados que lutavam na frente de batalha será futuramente todas as suas energias, seu tempo, sua saúde, sua vida, num processo que receberá um selo diferenciado e profundamente marcante com a experiência na fábrica como operária durante todo um ano.

10. Cf. *La pesanteur et la grâce* (PG) Paris, Plon, 1988, 2ª ed. p. 75 (trad. br. *A gravidade e a graça*, São Paulo, Martins Fontes, 1993).

A experiência da fábrica já traz para o centro da vida de Simone a marca crucificante da Paixão e morte de Jesus Cristo. Segundo ela mesma diz, ainda em carta ao Pe. Perrin, a ida para a fábrica foi antes de mais nada um ato de obediência, concebida esta obediência como *"ações impostas pela vocação num impulso essencial e manifestamente diferente das que procedem da sensibilidade ou da razão" de maneira que, para ela, não seguir tal impulso, quando ele surgisse, mesmo se ele ordenasse impossibilidades, me pareceria a maior das desgraças"*¹¹.

11. AD 38.

Embora a concepção de vocação e obediência em Simone, neste período, se parecesse muito a outras escolas e filosofias que não a cristã¹², não se pode deixar de reconhecer em sua atitude e postura elementos muito semelhantes — e mesmo, por assim dizer, extremamente identificados aos da atitude do próprio Deus quando, em Jesus Cristo, entra e mergulha até o fundo da desgraça e do pecado humanos, parecendo não entrever outro caminho para realizar a salvação da humanidade. Os Evangelhos e todo o Novo Testamento são muito claros ao deixar patente que este processo todo, o Filho de Deus o realiza em e por obediência absoluta ao desejo do Pai. Não se pode ler honestamente o Evangelho sem perceber que é parte inerente ao processo escolhido pelo próprio Deus para aproximar-se em graça salvadora da humanidade o assumir por dentro o sofrimento humano. E fazê-lo num movimento onde a obediência é parte integrante.

Neste sentido, a obediência experimentada e desejada como vocação vai permitir e levar Simone a viver os aspectos mais dolorosos do mistério da Encarnação do Verbo, a ponto de chegar a declarar que a experiência da fábrica matou sua juventude e a marcou para sempre com o ferro em brasa da escravidão e da desgraça e da infelicidade alheias. Aquele que ela ainda não nomeava como depois o fará, tão amorosa e apaixonadamente, (ou seja, Jesus Cristo), já povoa sua vida e seu sofrimento e — mais ainda — imprime os traços de sua cruz na experiência que a marcará para toda a vida.

O sofrimento do mundo que a obcecava nunca havia sido por ela constatado por meio de um contato tão prolongado. É ela, então, que em palavras como sempre ardentes e impressionantes nos diz: *“Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e a meus próprios olhos com a massa anônima, a desgraça dos outros entrou na minha carne e na minha alma. Nada me separava disso, pois eu tinha realmente esquecido meu passado e não esperava nenhum futuro, podendo dificilmente imaginar a possibilidade de sobreviver a estas fadigas. O que eu sofri lá me marcou de maneira tão durável que hoje ainda, quando um ser humano, não importa quem ele seja, não importa em que circunstâncias, me fala sem brutalidade, não posso impedir-me de ter a impressão de que há um erro e que o erro vai sem dúvida infelizmente se dissipar. Recebi lá para sempre a marca da escravidão, como a marca do ferro em brasa que os Romanos colocavam na testa de seus escravos mais desprezados. Desde aí, eu sempre me olhei como uma escrava”*¹³.

São sem dúvida carregadas de obviedade para nossos ouvidos cristãos as afinidades e a proximidade que têm estas quase aterradoras palavras com outras palavras, não menos radicais e

12. Cf. o que isso diz G. CHAROT, *Simone Weil: la croix et la péché d'envie*, in *Simone Weil: la soif de l'absolu*, SUD 87/88 (1990) p. 154, quando compara justamente o texto transcrito à nota 4 com o *Amor Fati* dos estoicos.

13. AD 42.

impressionantes, com as quais São Paulo descreve o abaixamento do Verbo de Deus até a última das consequências, no hino cristológico do 2º capítulo da Carta aos Filipenses:

*"Ele tinha a condição divina
mas não se apegou a sua igualdade com Deus.
Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo
assumindo a condição de servo
e tornando-se semelhante aos homens.
Assim, apresentando-se como simples homem,
humilhou-se a si mesmo,
tornando-se obediente até a morte e morte de cruz!"* (Fl 2,5-8)

Bem conhecido de Simone, ao escrever as palavras por nós acima citadas, é provavelmente este texto neo testamentário no qual ela, muitos anos mais tarde e já longe no tempo de sua experiência de fábrica, nele encontra inspiração para o grito apaixonado que emerge de sua pena numa carta escrita ao Pe. Perrin: *"Pois não desejo outra coisa senão a obediência em si mesma na sua totalidade, quer dizer, até a cruz"*¹⁴.

14. Ibid. 29

É ainda a mesma experiência da fábrica, acrescida de outras onde a compaixão concreta foi por ela sentida como peso esmagador e dilacerante da própria carne que a vai fazer afirmar em um de seus mais belos livros que *"conhecer verdadeiramente o infeliz implica conhecer verdadeiramente a desgraça"*¹⁵. E esse conhecer não se traduz para ela em mera e mórbida curiosidade ou desejo de viver novas experiências, mas na compaixão e na solidariedade vividas cristicamente, até perder no outro, no infeliz e necessitado, sua identidade, até *"transferir-se"* por inteiro para o outro.

15. Cf. *Pensamentos desordenados acerca do amor a Deus* (PSO), São Paulo, Editora de Cultura espiritual, 1991, p. 93.

É este o significado profundo que toma para ela a palavra *atenção* que, mais que uma atitude, é verdadeiramente uma virtude. O amor ao próximo, cristãmente entendido, encontra na atenção sua substância mais profunda. E é mais e diferente do que o calor humano, o impulso do coração, a piedade. Por isso é algo extremamente difícil, *"a capacidade de prestar atenção a um infeliz...; é quase um milagre; é um milagre"*¹⁶. A fina percepção de Simone vai perceber, a partir de sua própria experiência e sua aguda observação, que esta compaixão feita de atenção *"é uma impossibilidade. Quando ela se produz verdadeiramente, é um milagre mais surpreendente que caminhar sobre as águas, curar os doentes e mesmo ressuscitar um morto"*¹⁷.

16. AD 96.

17. Ibid 102.

O que é impossível aos homens, porém, foi e é possível para Deus. Foi possível em Jesus Cristo, cujos misericordiosos gestos Simone descreve no texto acima citado. É ainda possível hoje

para todos aqueles e aquelas que vivem de Seu Espírito. É a eles que se refere Simone ao descrever o que seriam a compaixão e a solidariedade cristãs que impulsionam em direção ao outro, pobre, carente e infeliz. Trata-se, para ela, de algo tão instintivo, inevitável e imediato quanto satisfazer e atender suas próprias necessidades e carências mais fundamentais. *“Aqueles a quem Cristo agradecerá oferendam seu alimento da mesma forma que o comem”*¹⁸.

18. PSO 93.

Não se trata, porém, para esses que vivem a compaixão do próprio Cristo de dar coisas e bens materiais, ainda que sejam de tão vital necessidade como os alimentos. *“Doam algo muito diferente que alimentos, roupas e cuidados. Ao trasladar seu próprio ser àquele a quem socorrem, dão-lhe por um instante a própria existência da qual a desgraça o privou”*¹⁹.

19. Ibid 94.

A carga crística da doação é, então, bilateral, uma vez que aquele que dá ao infeliz pode ver nele o próprio Cristo. *“A desgraça é essencialmente a destruição da personalidade, entrada no anonimato. Assim como Cristo perdeu sua divindade por amor, o desditoso perdeu sua humanidade por essa mesma má sorte”*²⁰. Mas também e não menos, ao realizar o ato da doação, está sendo configurado ao próprio Cristo. *“Trasladar o próprio ser a um desditoso é assumir a desgraça dele por um momento. E carregar voluntariamente algo cuja própria essência é o fato de este algo ter sido imposto por obrigação ou contra a vontade. Trata-se de uma impossibilidade. Somente Cristo o fez; unicamente Cristo — e os homens cujas almas estão completamente ocupadas por ele — puderam fazê-lo. Estes, ao trasladar seu ser ao desditoso que socorrem não põem realmente nele seu ser, pois já não têm nenhum, a não ser o próprio Cristo”*²¹.

20. Ibid

21. Ibid 94-95.

Nesses escritos bem posteriores, certamente a experiência da doação de sua juventude está presente. O que nos mostra, portanto, que para Simone Weil a cruz é algo palpável ainda muito antes de sua conversão. Essa cruz que seus escritos mais tardios já mostram cheia da presença do Crucificado que veio sobre ela e literalmente a “tomou” para si²², no tempo de sua juventude se traduziu em compaixão ardente e apaixonada que a levou a desejar — e a efetivamente fazê-lo — viver um misterioso processo de substituição que consistiu em tomar o lugar dos infelizes e sofrer seus sofrimentos como único caminho de redenção. Ousamos dizer que o Espírito do próprio Deus a levou a intuir, embora sem saber dar-lhe nome, o caminho que tomou o Filho de Deus mesmo em sua Encarnação e Páscoa.

22. AD 45.

Após sua conversão, essa compaixão e esse sentimento tão vivo do sofrimento alheio não diminuiu ou a abandonou. Pelo contrário,

23. AtD, Prefácio, p. 7.

nela se fez sempre mais presente e agudo. Constituiu para sempre sua grande paixão e seu tormento. Como tão bem diz sobre ela o Pe. Perrin: *"Para aquele que ama verdadeiramente, a compaixão é um tormento"*²³. Este tormento acompanhou Simone até o fim de sua vida. Apenas, após certo momento, não se tratava mais apenas de um tormento solitário. Jesus Cristo passou a ser um companheiro da via-sacra daquela que se fez para sempre escrava com os escravos. Ao experimentar, já convertida, a tentação do desespero que lhe produzia o contato com a desgraça alheia, a cristã Simone lembrava a única coisa que a consolava: *"Eu me tranquilizo um pouco lembrando-me de que Cristo chorou prevendo os horrores do saque de Jerusalém. Espero que ele perdoe a compaixão"*²⁴.

24. AD 72.

A contradição e a união mística: experiência do Crucificado

A partir de sua conversão, a centralidade da cruz na vida de Simone passou a ser habitada e ter um nome: o nome de Jesus Cristo, para ela a partir de determinado momento, Senhor ternamente amado. Desde o momento de seu encontro explícito com a fé cristã, no entanto, esse Cristo se revela à judia Simone com sua face crucificada. Jamais ela poderá dissociar a pessoa de Jesus Cristo de Sua Paixão. Não o conseguirá, pois para ela crer está para sempre ligado à Paixão salvadora do Filho de Deus.

Novamente podemos encontrar ressonâncias paulinas na experiência weiliana. Assim como o apóstolo, Simone uma vez entrada na fé cristã, não quer saber de outra coisa a não ser Jesus Cristo, e este crucificado²⁵. E para ela — coisa que nossa "ortodoxia" bem-comportada poderia etiquetar como herético — é verdadeiramente a cruz a prova da divindade de Jesus, da Encarnação de Deus e não a ressurreição. Deixemo-la falar em uma longa carta ao Pe. Couturier: *"...se o Evangelho omitisse toda menção da ressurreição de Cristo, a fé me seria mais fácil. A Cruz apenas me basta. A prova para mim, a coisa verdadeiramente miraculosa, é a perfeita beleza dos relatos da Paixão, juntamente com algumas palavras fulgurantes de Isaías: 'Injuriado, maltratado, ele não abriu a boca' e de São Paulo: 'Ele não olhou a igualdade com Deus como algo a que aferrar-se... Ele se esvaziou... ele se fez obediente até a morte e morte de cruz... Ele foi feito maldição...' É isto que me constringe a crer"*²⁶.

26. *Lettre à un religieux*, Paris, Gallimard, 1951, p. 62.

27. PG 115.

A cruz, porém, para ela, se é lugar de beleza e possibilidade de fé, não é menos vista e experimentada como contradição. A contradição experimentada até o fundo do ser, dilacerantemente²⁷. A cruz de Cristo mesmo não foge a esta regra. *"O mistério da cruz*

de Cristo reside numa contradição, pois é ao mesmo tempo uma oferenda consentida e um castigo que ele sofreu apesar de si mesmo. Se não se visse aí senão a oferenda, se poderia querer o mesmo para si. Mas não se pode querer um castigo sofrido apesar de si mesmo”²⁸.

28. Ibid 121.

Sendo contradição, a cruz é então para o ser humano, segundo Simone Weil, libertação. Libertação da ilusão do imaginário que diante da nudez e da morte que a cruz mostra pode enfim ceder lugar à justiça pura. Só a cruz não é suscetível de uma imitação imaginária²⁹. Só ela, igualmente, permite uma existência simultânea e correlação dos contrários que assim estão submetidos ao homem, sem submetê-lo, já que destroem os apegos particulares e os substituem por um apego incompatível: ‘Amar os inimigos... Aquele que não odeia seu pai e sua mãe...’³⁰.

29. Ibid 103.

30. Ibid 119. Aqui Simone Weil cita livremente os textos evangélicos de Mt 5,44; 10,37.

É também a cruz que permite ao ser humano olhar com verdade para Deus e medir a distância que o separa do ser divino. Como olhar para a cruz é olhar para baixo, a imaginação não corre o risco de misturar-se e iludir o homem: “Para que sintamos a distância entre nós e Deus, é preciso que Deus seja um escravo crucificado. Pois nós não sentimos a distância senão para baixo. É muito mais fácil colocar-se pela imaginação no lugar de Deus criador que no lugar de Cristo crucificado”³¹.

31. Ibid 106.

Essa cruz para a qual Simone não deixou de olhar, esse Crucificado que nunca deixou de atraí-la e possuí-la em seu amor foram sendo para ela, ao longo dos anos em que viveu na fé cristã, fonte de perene e sublime ensinamento. Talvez tivéssemos de percorrer muitos livros de teologia e enciclopédias de pensadores cristãos antes de encontrar uma reflexão *estauroológica*³² tão profunda e certamente enraizada no Evangelho quanto a sua.

32. A palavra *estaurós* em grego significa cruz. Estaurologia é, portanto, a parte da teologia que estuda o mistério da cruz de Cristo.

A essa mulher judia, criada no mais completo agnosticismo, que sempre se recusou a pedir o Batismo por crer que seu destino era o de permanecer para sempre exilada neste mundo, mas que sentia seu coração definitivamente transportado no Santíssimo Sacramento exposto no altar, foi dado como a poucos viver uma experiência de autêntica intimidade com o Crucificado³³. E esta experiência lhe desvendou segredos de altíssima profundidade sobre o mistério da própria vida de Deus.

33. AD 13-22; 54.

No Crucificado, Simone desejou durante toda a sua vida entrever e vislumbrar a reconciliação de dois pólos a seu ver dificilmente reconciliáveis: o sofrimento humano e a perfeição de Deus³⁴. Suas buscas e seu caminho a levaram a postar-se ao pé da Cruz de Cristo como única possibilidade de união entre estes dois contrários aparentemente tão definitivamente separados um

34. Nos últimos anos de sua vida ela escreve sua última carta a Maurice Schumann, cheia do desespero e desgosto de não poder seguir sua vocação de partilhar o sofrimento das vítimas da guerra, entrando na França

ocupada. Eis suas palavras literais nesta que foi sua última carta: "Experimento um dilaceramento que se agrava sem cessar, ao mesmo tempo na inteligência e no centro do coração, pela incapacidade em que estou de pensar conjuntamente na verdade a infelicidade dos homens, a perfeição de Deus e o elo entre os dois" (cit. por G. CHAROT, art. cit., p. 155).

35. PSO 100.

36. AD 69.

do outro. Aí procurou sempre uma luz que a ajudasse quando chegava a tentação do desespero diante da presença do mal no mundo e da dor alheia. Essa Cruz ardentemente amada passa a ser então para ela a *"única fonte de claridade suficientemente luminosa para iluminar a desgraça"*³⁵.

Essa descoberta a faz caminhar resolutamente ao centro da dor, sabendo que aí encontrará a luz que ilumina as trevas e o amor de Deus que redime inclusive o mal e a desgraça mais profundos. Mais: que podem ser mais verdadeiramente encontrados no centro mesmo do mal e da desgraça: *"É na desgraça mesma que resplandece a misericórdia de Deus. No fundo mais fundo, no centro de sua amargura inconsolável"*³⁶.

Sendo Deus porém o contrário, a antítese mesma do mal, sua presença no mal só pode ser uma presença dolorosa e sofredora, justamente porque inocente. Simone avança aí na misteriosa percepção da redenção que brilha através de Jesus Cristo, o Cordeiro sem mancha, o Justo, o Servo sofredor. *"Como Deus está presente na percepção sensível de um pedaço de pão pela consagração eucarística, ele está presente no mal extremo pela dor redentora, pela cruz.... A dor é ao mesmo tempo totalmente exterior e totalmente essencial à inocência... Que o mal mesmo seja puro. Ele não pode ser puro senão sob a forma do sofrimento de um inocente. Um inocente que sofre espalha sobre o mal a luz da salvação. Ele é a imagem visível do Deus inocente. Eis por que um Deus que ama o homem, um homem que ama Deus, devem sofrer"*³⁷.

37. PG 107-108.

Ao ser introduzida pelo próprio Deus nesta verdade profunda que se sabe mas que não se explica, Simone Weil, à semelhança de inúmeros místicos cristãos, experimenta simultaneamente o desejo irrefreável de participar dessa paixão redentora. A compaixão experimentada até as entranhas pelos infelizes e desgraçados deste mundo se reproduz nela em relação com Jesus Cristo, o inocente maltratado, o Servo de Deus Crucificado, o Cordeiro sem mancha que carrega em si o pecado do mundo, feito maldição sobre a cruz sem ter aberto a boca e após ter praticado somente o bem.

Aquela para quem o amor sempre consistiu em partilhar as condições de vida, sofrimento e morte dos que foram objeto de seu Amor exprime assim seus desejos de seguimento e imitação d'Aquele que passou a ser o grande amor de sua vida: *"Quando uma mãe, esposa ou noiva, sabe que aquele a quem ama é presa da angústia e não pode ajudá-lo nem unir-se a ele, gostaria pelo menos de suportar sofrimentos equivalentes, para ficar menos separada dele, para aliviar o fardo tão pesado da compaixão impotente. Aquele que ama a*

Cristo e o imagina na Cruz deve sentir alívio semelhante, quando é atacado pela desgraça."³⁸

38. PSO 101.

Embora consciente dos riscos da ilusão que o desejo de uma imitação literal de Cristo poderia trazer,³⁹ Simone experimenta violentamente o desejo da expiação como desejo da cruz. Sua generosidade a faz desejar este aspecto da cruz que é tomar sobre si o mal existente no mundo, sentindo-se responsável por ele. E assim, cristalinamente, expressa esse seu desejo: *"Em toda situação, qualquer coisa que se faça, se faz mal, e um mal intolerável. É preciso pedir que todo o mal que se faz recaia somente e diretamente sobre si próprio. É a cruz"*⁴⁰.

39. Cf. supra n. 25.

40. PG 114.

Em Jesus porém, Simone enxerga algo ainda mais sublime. Sua absoluta e radical inocência faz com que sobre ele recaia todo o mal que *ele não fez*. É talvez movida por essa verdade de fé que ela deixa escapar do coração a famosa frase com a qual termina uma de suas cartas ao Pe. Perrin ao mencionar os dois principais mandamentos — o do amor a Deus e o do amor ao próximo: *"E quanto ao primeiro, eu falto a ele de uma maneira ainda bem mais horrível, pois todas as vezes que penso na crucificação de Cristo, cometo o pecado de inveja"*⁴¹.

41. AD 62.

Sobre o verdadeiro sentido desta enigmática frase, não faltam comentários muito mais competentes e abalizados do que o nosso⁴². No entanto, com base no que vimos anteriormente do itinerário de Simone em direção a um conhecimento amoroso sempre mais profundo do Crucificado, cremos poder arriscar uma interpretação algo diferente: a de que Simone via na Paixão de Cristo o único possível caminho de amor e redenção para uma humanidade dividida e comprometida com o mal e o pecado; e, portanto, também e não menos, para si própria.

42. Cf. por ex. G. CHAROT, art. cit.

No Crucificado ela vê finalmente juntos a pureza e o mal. E vê, graças ao sofrimento livremente padecido, a redentora e positiva transformação do mal. Como não desejaria ela — essa mulher que nunca teve medida no amor — ardentemente para si uma experiência análoga, embora sabendo que nunca poderia ser idêntica pelo fato de — como qualquer outra criatura humana — jamais poder atingir a pureza do Cristo de Deus? Suas palavras mesmas falam melhor do que nós sobre essa inveja que poderíamos e ousaríamos chamar de "santa": *"O contato com a pureza produz uma transformação no mal. Só mediante esse contato pode-se separar a mistura indissolúvel do sofrimento com o pecado. Graças a isto, o sofrimento deixa progressivamente de se juntar ao pecado; por outro lado o pecado transforma-se em simples sofrimento. O mal que carregamos em nós mesmos torna-se então iluminado pela felicidade.*

Bastou que um ser perfeitamente puro estivesse presente na terra para que ele fosse o cordeiro divino que elimina o pecado do mundo, e para que a maior parte possível do mal difundido ao seu redor se tenha concentrado nele em forma de sofrimento"⁴³.

A morte de Simone Weil vai como que apor um selo final e definitivo sobre essa configuração crística que foi tomando toda a sua vida. Na solidão e no silêncio a que foi sendo reduzida em seu desejo de participação vicária no sofrimento das vítimas da guerra, nos é dado vislumbrar até que ponto o Crucificado realmente a "tomou", imprimindo indelevelmente em sua carne e seu espírito a imagem do Deus Inocente.

O segredo da mortalidade

A busca incessante da verdade que atravessou toda a vida de Simone Weil fez com que ela fosse iluminada desde muito cedo com a constatação de que não é a força e o poder que se travestem em vida os que nos conduzem ao conhecimento e ao amor de Deus. Tal ilusão seria, pelo contrário, a essência da qual é feito o pecado original. *"Eva e Adão quiseram buscar a divindade na energia vital. Mas ela nos está preparada sobre o madeiro morto geometricamente talhado de onde pende um cadáver"*⁴⁴.

Olhando a árvore da cruz, da qual as Escrituras e a tradição cristã afirmam que veio para todos a salvação, Simone Weil encontra a chave do segredo do caminho do ser humano para Deus: *"O segredo de nossa semelhança com Deus deve ser buscado em nossa mortalidade"*⁴⁵. Foi essa mortalidade, essa vulnerabilidade da carne humana o caminho de Simone para o encontro com o Deus onipotente ao mesmo tempo que ligado à necessidade⁴⁶ e com a luminosa realidade da salvação. Por aí ela entrou resolutamente, contemplando essa mortalidade no próprio Cristo a ela revelado e nos outros, seus irmãos, sobretudo naqueles em quem a desgraça deixava mais exposta e mais a nu a condição mortal. Aqueles em quem a desgraça e a morte realizam todos os dias seu trabalho predatório.

Em sua própria morte, Simone não poderia desejar outro caminho senão aquele que palmilhara durante toda a sua vida. Chegara ao centro do amor, àquele ponto onde se experimenta o mais profundo do sofrimento; chegara aí sem cessar de amar. Essa seria a condição, segundo ela, de *"tocar algo que não é mais a desgraça, que não é a alegria, que é a essência central, essencial, pura, não sensível, comum à alegria e ao sofrimento e que é o amor mesmo de Deus"*⁴⁷.

Sua morte solitária e no exílio dão testemunho que Simone foi conduzida por esse Deus à cruz de Seu Filho que ela chamou de sua verdadeira pátria⁴⁸. A majestade e a glória de Deus na qual ela acreditava do fundo de seu coração só lhe pareciam atingíveis pela cruz. São dela mesma as palavras cheias de tanta densidade teológica que transcrevemos a seguir: *"A Trindade e a Cruz são os dois pólos do cristianismo, as duas verdades essenciais: uma a perfeita alegria, a outra a perfeita desgraça. É indispensável o conhecimento de ambas e de sua misteriosa unidade, porém, pela condição humana, em nosso mundo nos achamos infinitamente longe da Trindade, e muito próximos ao pé da Cruz. A cruz é nossa pátria"*⁴⁹.

Coerentemente, vivendo uma morte em muito semelhante à do próprio Cristo, Simone Weil reafirmou a verdade em cujo encalço andou durante toda a sua vida: a de que a cruz é o único laço possível entre a nossa mortalidade e a semelhança com Deus. Esse Deus que a criou e a configurou sempre mais à imagem de Seu Filho permitiu que essa imagem brilhasse de maneira mais eloqüente ainda na morte que apunha um selo a uma vida já de si mesma tão cristificada.

Endereço da autora:
R. Almirante Salgado, 51
22240-170 — Rio de Janeiro — RJ

48. V. sobre isso e outros pontos do pensamento de S. Weil o belo livro de G. P. DE NICOLA e A. DANESI, *Simone Weil. Abitare la contraddizione*, Roma, Dehoniane, 1991, esp. pp. 489-543, Capítulo III: Presenza/assenza di Dio.

49. ISO 89.